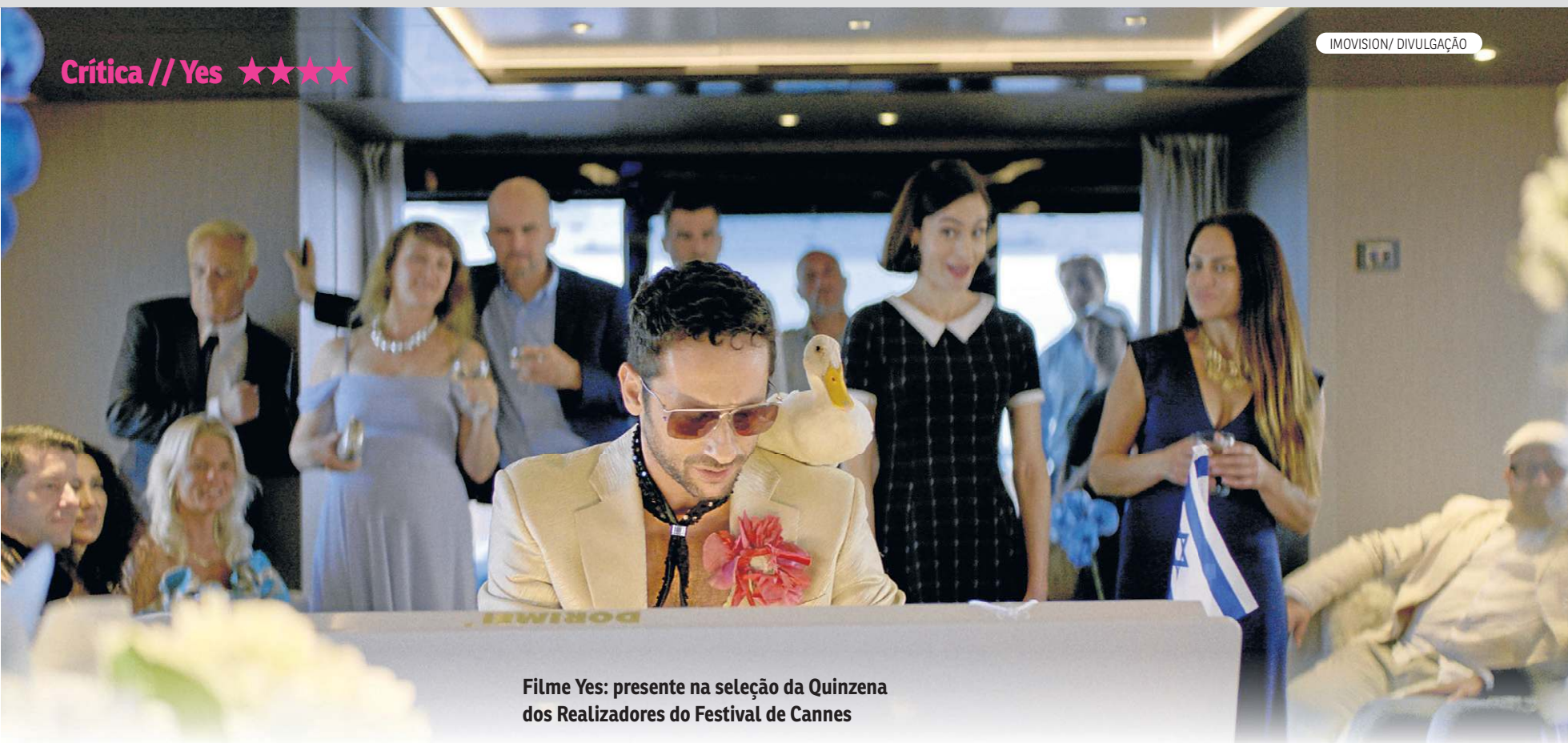


Crítica // Yes ★★★★★

IMOVISION/ DIVULGAÇÃO



Filme Yes: presente na seleção da Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes

Eles pagarão o pato?

Ricardo Daehn

Antes de qualquer consideração, é fundamental perceber que esta coprodução entre França, Israel, Alemanha e Chipre traz uma acidez decorrente do terrorismo de 7 de outubro de 2023, data em que o Hamas incitou, para muitos, a ação de revide do exército israelense com o foco de ataques na Faixa de Gaza. Vale a ressalva de que o filme (de ficção) passa longe de ser palatável para todos.

Sempre polêmico, o diretor israelense Nadav

Lapid, lembrado por filmes como *Policeman* (2011) e *O Joelho de Ahed* (2021), aposta em derivar para a tela um enredo (real) da criação do que ele chama de “hino à vingança e à matança”, depois de, em novembro de 2023, uma

entidade chamada de A Frente Civil haver defendido a instituição de uma música intitulada como A canção da geração da vitória, no lugar do tradicional hino de Israel. O filme usa deturpadas letras para a retumbante canção original (*Hare’ut*, datada de 1947) de Haim

Gouri, um artista conhecido por ter aberto frentes de cura (por meio das artes) para sobreviventes do Holocausto.

Yes, cinicamente, é a jornada daqueles que dizem sim para tudo. No filme, o pianista Y (papel do assombroso Ariel

Bronz), pai modernoso de uma família formada pela dançarina Jasmine (Efrat Dor) e por um bebê, tem por desejo melhorar a situação de todos.

Circulando em meio do que seria a nata da sociedade, ele trava contato com o Chefe do Estado Maior, com um multimilionário (interpretado pelo russo Alexei Serebrjakow) e com inúmeros degenerados detentores de pilhas de dinheiro. É do núcleo duro dos depravados ricos que brota a ideia de que Y se aplique na criação de um novo hino nacional. Com um fervor e um apelo visual muito assemelhado ao do italiano Paolo Sorrentino (*A mão de Deus* e *A grande beleza*), Nadav Lapid discute patriotismo, acomodação e alienação política, além de prostituição intelectual.

Admirador de uma dinâmica impressionista e de criadores como o pintor Jackson Pollock, o cineasta se enamora do acaso na narrativa de Yes. Se alguém tomar as bases da gênese de *A ópera dos três vinténs* (uma peça, com músicas de Kurt Weill, que vai de encontro do capitalismo) entenderá como um conceito — no caso, o estigma de ser israelense — norteou o novo e imenso filme de Nadav Lapid, que tem (sentidas) quase duas horas e meia. Num dado momento da narrativa, um personagem aponta alguns veículos de comunicação (diretamente a CNN, a BBC e o *The New York Times*) como agentes propagantes de pensamentos contra Israel. Para embaralhar mais ainda a vida do protagonista de Yes, Lea (Naama Preis), ressurge em cena, contaminando o

músico com um passado malparado.

Trazendo à mente obras como *O conformista* (de Bernardo Bertolucci), em que a felicidade pessoal de um homem poderia, em meio ao fascismo, sacrificar pessoas caras ao seu ciclo de convívio, Yes rende as medidas das consequências da louvação ao dinheiro e da indiferença frente a crimes do governo. Dono de uma narrativa incisiva — basta lembrar do vencedor do Festival de Berlim *Synonymes*, em que o protagonista renegava a cultura hebraica —, o diretor oferece um retrato frio do pós 7 de outubro que insufla o uso da tecnologia, trata de amores retraídos e ainda arrisca projetar castigos maternos (mesmo com personagens mães, mortas), ante a graves erros de adultos.